

O SUJEITO SEMIÓTICO: UM POSSÍVEL CAMINHO PARA A DEMOCRACIA

THE SEMIOTIC SUBJECT: A POSSIBLE PATH FOR DEMOCRACY

Lucas Rafael Justino¹

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i1.6>

Recebido em: 14.10.2022

Aceito em: 06.01.2023

Resumo: Por um lado, as estruturas modernas pregam um sujeito individual, dotado de razão e, portanto, um ser humano que se diferencia do resto do mundo por esta capacidade. Por outro lado, elas solapam qualquer perspectiva de ação realmente transformadora, pois suas instabilidades resultam em uma antinomia do sujeito. Este trabalho, portanto, tenta entender como é possível resgatar a noção de identidade do sujeito na modernidade, a partir das reflexões apresentadas por Miroslav Milovic a fim de que sejam superadas estas mazelas que individualizam e removem o poder dos sujeitos de constituírem uma democracia verdadeira. A discussão não chega ao campo da filosofia política, mas se mantém no campo da metafísica tentando entender uma concepção de sujeito que possibilite a superação da modernidade. A alternativa apresentada é a de ser humano como um animal semiótico, a partir das reflexões de John Deely sobre a semiótica de Peirce e a noção de sujeito. O sujeito semiótico é o ser que não se compreende afastado ou isolado do mundo e de seus pares, mas que só é realizado na relação entre sujeitos. A identidade possível para uma pós-modernidade é uma identidade que coletiviza e não individualiza. A democracia aparece como consequência da participação deste sujeito em um movimento rumo à razão, que em Peirce não é o mesmo que entendemos por racionalidade em Descartes.

Palavras-chave: Democracia; Identidade; Modernidade; Semiótica; Subjetividade.

Abstract: Modern structures preach an individual subject, endowed with reason and, therefore, a human being that differs from the rest of the world for this capacity. On the other hand, they undermine any perspective of truly transforming action, as their instabilities result in an antinomy of the subject. This work, therefore, tries to understand how it is possible to rescue the notion of the subject's identity in modernity, from the reflections presented by Miroslav Milovic in order to overcome these symptoms that individualize and remove the power of the subjects to constitute a true democracy. The discussion does not reach the field of political philosophy, but remains in the field of metaphysics, trying to understand a conception of the subject that makes it possible to overcome modernity. The alternative presented is that of being human as a semiotic animal, based on John Deely's reflections on Peirce's semiotics and the notion of the subject. The semiotic subject is the being that does not understand itself to be isolated or isolated from the world and his peers, but that which only realizes itself in the relationship between subjects. The possible identity for postmodernity is an identity that collectivizes and does not individualize. Democracy appears as a consequence of this subject's participation in a movement towards reason, which in Peirce is not the same as what we understand by rationality in Descartes.

Keywords: Democracy; Identity; Modernity; Semiotics; Subjectivity.

¹ Mestrando em Metafísica pela Universidade de Brasília. Email: lucasrafaeljustino.1@gmail.com



UMA CONCEPÇÃO DE SUJEITO MODERNA

Buscando entender as relações que se engendram entre identidade e democracia, Milovic busca na metafísica uma resposta aos problemas que se apresentam, às limitações do conceito de identidade e qual o papel que a racionalidade toma nesse ínterim de diversas forças reativas. Essa pesquisa busca apresentar a discussão como contextualizada pelo autor e a partir daí dar um pequeno passo em uma direção que possa nos ajudar a compreender identidade e democracia a partir de um pensamento de superação da modernidade. Principalmente, é preciso entender que a modernidade construiu e se estabelece por causa de uma concepção de sujeito como sujeito pensante, um ser racional que não está em relação às outras coisas do mundo, mas é a própria entidade superior desse mundo. A fundação da razão constitui um problema quando esta razão é utilizada para separar e não para conectar o sujeito ao mundo que o cerca.

Para Milovic (MILOVIC, 2007: 87-88)², a “Modernidade começa com a afirmação de uma nova identidade, a identidade do sujeito, metafísica do sujeito”, uma metafísica que “estrutura modernidade como um monólogo”. Esse monólogo constitui um impedimento para a realização do projeto democrático, pois justamente o que implica o monólogo é a exclusão do diálogo, a exclusão da intermediação entre processos de pensamento. De fato, Milovic (2004) determinou como possível que a crise da democracia fosse, fundamentalmente, uma crise do pensamento. A crise do pensamento é apenas uma consequência direta e não um erro de percurso, pois a adoção de um conceito de racionalidade que se encontra em patamar superior acaba apagando e suprimindo uma série de problemas que deveriam ainda ser tratados, além de ignorar uma série de desenvolvimentos que o sujeito precisa ter para constituir uma boa relação com outros sujeitos. Como pensar apenas a partir do monólogo? Sem a troca de informações de diferentes fontes, toda comunicação fica prejudicada e assim também ficam todas as instituições que são construídas por uma sociedade formada por indivíduos que não pensam sua condição social, mas apenas a individualidade.

A racionalidade do projeto moderno confere ao indivíduo ao mesmo tempo poder sobre todas as coisas do mundo, à medida em que retira deste indivíduo toda a capacidade de entender suas ações como contínuas às ações do mundo. É desse pensamento que nascem noções egoístas que subjagam diferentes formas de pensamento, como o capitalismo, que Milovic (2007: 93) definiu como “uma estrutura semântica que não articula possibilidades pragmáticas”, um mundo prático e não um “mundo pragmático que abre a possibilidade para a afirmação e a comunicação, democracia e solidariedade, baseado em intersubjetividade”. A modernidade impede a existência desses mundos pragmáticos quando inibe a realização de um mundo no qual democracia, comunicação e solidariedade existem entre os sujeitos. A pragmaticidade do mundo se esvai no momento em que a máxima pragmática, de que tudo deve ser entendido pelas suas consequências, é ignorada, pois uma visão de mundo puramente prática exclui uma série de consequências que formam outras dimensões da realidade além da prática e utilitária. A metafísica do sujeito na modernidade é, portanto, uma metafísica que esvazia o sujeito como agente, que o coloca como ferramenta sustentando um sistema e não um agente que possui a capacidade de transformar o mundo, de tomar atitudes e realizar ações que possam ter como consequência uma mudança. O

2 Tradução livre: “Modernity begins with affirmation of new identity, identity of the subject, metaphysics of the subject.” e “Such metaphysics structures modernity as a monologue.”

mundo prático evocado pela modernidade é um mundo que dificilmente pode ser alterado, pois o sujeito torna-se uma parte de uma máquina agindo sozinha sem ter consciência de que o motor só pode se mover caso todas as peças estejam agindo em consonância.

O moderno estruturo como monólogo insere uma série de impeditivos e de bloqueios à formação de uma sociedade do diálogo, uma sociedade onde a razão é intermediada e se constrói através de vários agentes, pela ação subjetiva que torna-se coletiva quando compreendida em uma dimensão não singularizada. Uma conversa consigo mesmo, por mais proveitosa que seja como atividade contemplativa ou meditativa, não deixa de incorrer em uma espécie de solipsismo, no qual tudo aquilo que é importante acaba sendo uma espécie de projeção do pensamento de apenas uma pessoa. Superar essas barreiras exige uma nova concepção de sujeito, uma concepção que não esteja atrelada à afirmação do sujeito moderna, mas uma que permita um sujeito cuja metafísica não é individual, mas constrói-se nessa dimensão coletiva. Mas como podemos evitar algo que esteja tão arraigado, uma noção de sujeito como a moderna que está em vigor há séculos e descende de um pensamento cartesiano que exhibe suas influências em diferentes dimensões?

UM SUJEITO COLETIVO

Procurando substituir o *res cogitans* como concepção de sujeito, John Deely (2010) resgata a noção de um sujeito que pode ser entendido não só como agente dominante do mundo, mas formado por ele. Deely faz este trabalho a partir de Charles Sanders Peirce, autor que inspirou muito o próprio Habermas a pensar a importância da comunicação como possibilidade de conhecimento da realidade e até como criadora de realidade. Peirce, conhecido pela sua semiótica, não se deteve às teorias da lógica e procurou arquitetar uma estrutura de pensamento que diz respeito a vários aspectos da vida e da filosofia. Santaella (2004) entende que o pensamento de Peirce é anticartesiano no sentido em que opera sob uma lógica impossível de ser concebida à luz do pensamento cartesiano. Essa definição nos interessa para podermos pensar o sujeito a partir de Peirce e entender como Deely enxerga na filosofia de Peirce um caminho para a democracia.

Para Peirce, em seu seminal texto *Algumas consequências das quatro incapacidade* (1868), não é possível haver uma intuição verdadeira, de forma que não há pensamento fundante da consciência, mas apenas uma série infinitamente pregressa e infinitamente futura de pensamentos. Assim, o sujeito não toma consciência de si em um sobressalto a partir de um “penso, logo existo”, mas apenas compreendendo sua relação com o mundo, principal geradora de pensamento. O *self*³, neste momento, passa por um processo de tomada de autoconsciência. O momento em que um sujeito percebe que possui uma consciência, é um momento em que ele percebe seu próprio erro perante o mundo, quando aquilo que pensou não corresponde ao que acontece à sua volta. O exemplo clássico de Peirce é o da criança em volta do fogão, que imagina a estrutura de metal como fria ao toque e, ao tocá-la, percebe seu próprio erro, compreendendo que nem tudo o que pensa tem correspondência com os fatos. Esse movimento não é único, mas é repetido ciclicamente ao longo da vida de um sujeito, de forma que não é possível ter certeza sobre todas as coisas como prega o sujeito moderno cartesiano. A racionalidade é, na verdade,

3 Peirce utiliza o termo em inglês *self* para designar várias coisas: pessoa, consciência, identidade etc. Por ser um termo polissêmico em sua origem na língua inglesa, optamos por manter a escrita nos momentos oportunos em que se faz necessária a exposição à maneira que Peirce fez.

uma razoabilidade em relação às coisas do mundo. Para Peirce, um sujeito só se completa quando possui essa vivência em relação não só às coisas do mundo, mas em relação também a outros sujeitos, comunicando informações de forma que a razão esteja sempre crescendo e não retraindo-se.

A comunicação como uma funcionalidade que possibilita o crescimento da verdade e a mútua cooperação entre diversos sujeitos é um dos princípios da democracia. Fazer circular as informações, tornar todos a par das situações, procurar que todos saibam o que está acontecendo para buscar soluções é um princípio de um governo que se constrói democraticamente. O problema é que há uma antinomia entre a adoção do sujeito moderno e a concepção de democracia. O sujeito quando se compreende um ser racional que se coloca fundamentalmente acima do seu mundo, não passa por esse processo cíclico de compreender a realidade para agir. A democracia torna-se prejudicada a partir da adoção da concepção de sujeito moderno. Por isso Deely (2010), assim como Colapietro (2014a), vão utilizar a semiótica de Peirce e sua visão sobre a formação de um *self* como uma maneira de pensar novas possibilidades sobre .

A concepção de sujeito em Peirce é uma muito mais flexível, onde o sujeito não é um ser pensante, mas uma miríade de relações que o constituem de maneira intrincada, porém nunca rígida, mantendo sempre a plasticidade desse sujeito, a capacidade de estar sempre transformando-se (COLAPIETRO, 2014a). É pensando nesse processo de individualização do sujeito moderno, que Peirce pensa um sujeito que é como um aglomerado de estrelas: “que parece ser apenas uma estrela quando vista à olho nu, mas que, escaneado com o telescópio da psicologia científica, se descobre, de um lado, ser múltipla em si mesma, e por outro lado, não ter demarcação absoluta de uma condensação vizinha”⁴ (R 403, 1894 apud FABBRICHESI, 2014, p. 165). Isso significa que o sujeito está longe de ser esta definição unívoca como ser pensante e racional, mas é na verdade uma amálgama de várias aparências, experiências e relações que estabelece com o mundo e com os outros sujeitos, de forma que as fronteiras entre sujeitos, semioticamente falando, são fronteiras borradas, fronteiras que não se desenham com rigidez, mas que possibilitam a coletividade dos sujeitos, pois todos formam não só a si mesmo, mas também os outros e os outros são formadores de si.

Habermas consegue pensar que a relação entre sujeitos é um caminho possível para determinar o fim do projeto da modernidade porque ele consegue enxergar que a concepção de um sujeito relacional permite a superação do sujeito individual que se coloca acima dos outros: “o Outro é articulado como eu. Assim Habermas marca a ideia de simetria social que também pode ser entendida como uma ideia reguladora para a constituição da nova sociedade racional do futuro, e portanto o fim do projeto de modernidade”⁵ (MILOVIC, 2007: 96). Ele defende que o Outro, quando entendido como um semelhante em articulação ao Eu, um eu maiúsculo, possibilita a existência de uma simetria social que pode ser compreendida como uma ideia regulativa de uma nova sociedade racional. Portanto, quando igualamos o sujeito ao

4 Do trecho original: “Personality, on both sides, that of the unification of all of a body’s experiences, and that of the isolation of different persons, is much exaggerated in our natural ways of thinking, ways that tend to puff up the person, and make him think himself far more real than he veritably is. A person is, in truth, like a cluster of stars, which appears to be one star when viewed with the naked eye, but which scanned with the telescope of scientific psychology is found on the one hand, to be multiple within itself, and on the other hand to have no absolute demarcation from a neighboring condensation”

5 Tradução livre do trecho: “The Other is articulated as I. Thus Habermas engrains the idea of social symmetry which can also be understood as a regulative idea for constitution of the new rational society of the future and therefore the termination of the project of modernity”.

outro, quando pensamos que um sujeito nunca é algo sozinho diferente de todo o resto, mas uma parte de algo maior, podemos finalmente compreender que o projeto moderno constitui uma amarra contra a superação da individualidade, contra a adoção de formas de vida baseadas em coletividade e cooperação, em igualdade em suas variadas formas, portanto uma contradição com a própria democracia. Essa colocação de um Eu contra um Outro é o processo pelo qual o Eu, que pode ser entendido como um *self*, toma autoconsciência a partir da noção de que se relaciona com outro *self*, com outro núcleo de propósito (CALCATERRA, 2014).

O racional é, em si mesmo, uma consequência dos desdobramentos modernos na concepção de sujeito, o que significa que essa simetria social, quando entendida a partir de uma racionalidade, continuará exibindo traços modernos. O que Deely (2010) faz é voltar a Peirce e, lá, buscar uma concepção de ser humano que esteja além de qualquer racionalidade, ou uma na qual racionalidade não é de forma alguma um traço determinante, mas apenas um aspecto dentre tantos que compõem um sujeito. Se o outro é articulado como o eu, é porque o eu e o outro não são coisas tão diferentes assim e, portanto, podem atuar juntos em uma transformação de mundo. Não só estão no mesmo patamar, como na verdade Peirce defende que o sujeito só existe porque existe um outro ao qual este pode se relacionar. Somos aglomerados de estrelas cujas luzes alcançam os aglomerados vizinhos, formando aglomerados ainda maiores, forças coletivas ainda mais impactantes. Dessa forma, o outro torna-se a única instância pela qual o eu pode vir a se concretizar.

Deely parte dessa concepção de sujeito para rejeitar a concepção de animal racional e irracional porque o que se entende por racionalidade nesse sentido cartesiano não é o mesmo que Peirce defende como razão (SANTAELLA, 2004), assim propondo o ser humano como um animal semiótico. Peirce constrói uma analogia da razão como um desenvolvimento que acontece desde a origem do universo (CP 1.614, 1903). A razão não pode ser exclusivamente humana, mas está nos animais, nas coisas, em todo o universo há pensamento. De fato, para ele, o universo todo está permeado de signos, de forma que todas as coisas fazem parte desse processo, que chamamos de semiótico, um processo de pensamento e do qual participam todos os processos, desde o crescimento da raiz das árvores até a formação de silogismos. Além disso, a razão não nasce apenas da necessidade ou do acaso, mas é, como o pensamento, um desenvolvimento teleológico em direção ao que Peirce chama de razoabilidade concreta (SILVA, 2017). Santaella (2004) afirma que a investigação é o processo pelo qual podemos construir uma realidade que é, também, razão.

O sujeito, como um signo, se desenvolve, agregando mais ideias, saindo de um estado particular e ganhando alguma generalidade. Michel e Andacht (2016) reforçam o caráter dialógico do sujeito, que está sempre sendo interpretado e expressado pelo indivíduo, gerando esse crescimento. Assim como o signo, o *self* não se completa, “está sempre ‘no processo de virar um self, um processo que nunca está terminado completamente” (COLAPIETRO, 1989, p. 77 apud. MICHEL; ANDACHT, 2016: 247). A expressão de um sujeito precisa atingir a um outro, só assim ela torna-se uma comunicação que toma seu papel no desenvolvimento da razão.

Petrilli (2014) parte de Peirce para entender que a linguagem é o que essencialmente transforma o ser humano em signo. Não só conversamos o tempo todo com nós mesmos, mas nos expressamos para o mundo através de linguagem, comunicando signos de ordem oral e

gestual: “para Peirce, o *self* é um signo; ele converge com a linguagem verbal e não verbal que faz uso. O *self* é feito de linguagem e é inconcebível sem linguagem” (PETRILLI, 2014: 7)⁶. Se para Colapietro (2014a: 103) o “organismo não é algo *no qual o self* está localizado”, mas o “meio através do qual o *self* está capacitado a direcionar e ser direcionado por algum outro”, o corpo não pode ser pura mecânica, mas matéria dotada de linguagem, de capacidade lógica.

Quando Peirce enxerga nos fenômenos um caminho para conhecer a realidade sobre o sujeito, o autor não toma partido dessa separação entre matéria e mente que marcou a modernidade, mas entende um caminho além. O paradigma semiótico não se prende a este debate dualista (DEELY, 2010). Neste sentido, a semiótica de Peirce é um olhar tanto para o interior quanto para o exterior, cíclico, a continuidade mente e matéria está além de uma realidade que só existe no conhecimento ou de uma realidade que não pode ser alterada pelo conhecimento. Portanto, é uma proposta que visa a superação do dualismo cartesiano que estrutura o pensamento moderno.

Entender isso é importante para que não nos esqueçamos de que o sujeito não existe em uma singularidade, mas em uma comunidade com outros sujeitos, que só se estabelece através dessa troca de informação que a linguagem permite. “A linguagem só existe e só precisamos dela caso os Outros existam. A essência da linguagem está em sua hospitalidade na sua relação com o outro” (MILOVIC, 2007: 98)⁷. É a partir da linguagem que um indivíduo se torna ciente de que a verdade não deve se encontrar nos confins de uma ou outra pessoa, mas na relação que se cria com outros sujeitos. Ela torna-se não uma ferramenta, mas um elemento primordial desta relação, por isso Deely (2010) vai entender o ser humano como um animal semiótico, cujo uso da linguagem é parte essencial de si mesmo.

Não se deve esquecer ou ignorar a função cognitiva, mas entendê-la como parte de um processo que é linguagem, o processo semiótico de pensamento, que conhece e constrói a realidade. Sobre o debate da subjetividade em um contexto moderno, a resposta da teoria dos signos é “sim, não há dúvida de que o mundo interno humano, com grande esforço e sério estudo, pode atingir uma compreensão de mundos não-humanos e de sua conexão com eles” (PETRILLI; PONZIO apud DEELY, 2010: 17-18). Portanto, a semiótica compreende o pensamento em sua capacidade de ir além do imediato, entendendo como diferentes contextos criam diferentes relações unilaterais entre sujeitos, reforçando aspectos da modernidade como algo que subjuga. Um sujeito em sua plena capacidade de articulação semiótica pode tornar possível uma relação entre seu mundo interno e as condições sociais, políticas, históricas e ambientais nas quais está imerso, além de articular um processo de comunicação com os Outros, o que está na essência do regime democrático. A hospitalidade aparece aqui como um exemplo máximo do que esse regime tem a oferecer e de como a linguagem é, ou deveria ser, essencialmente um sustentáculo da democracia.

O sociólogo Stuart Hall (1996) define que o sujeito moderno é herdeiro de uma corrente de pensamento que vem desde o Iluminismo, uma corrente cujo ego é o ator principal de um mundo que se centra no sujeito, não para que o sujeito o controle, mas para que possa

6 Do trecho original: “For Peirce, the self is a sign; it converges with the verbal and nonverbal language it uses. The self is made of language and is inconceivable without language.”

7 Tradução do trecho: “The language only exists and we only need it in case the Other exists. The essence of the language is in its hospitality in its relation with the other.”

controlá-lo. A perspectiva individualizante do capitalismo e da modernidade nunca é realizada e se cria uma realidade na qual o desejo nunca é realizado, pois o sujeito “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e ação” (HALL, 1996: 10). A instabilidade mantém esse projeto incompleto.

O sujeito se enxerga como dotado de razão e ação, mas é suprimido por não assumir um local de relação com o mundo de onde pode realmente entender o funcionamento das coisas e agir. Para Hall, a modernidade consiste em sociedades inconstantes, em mutação, como definem Marx e Engels: “é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] Tudo que é sólido se desmancha no ar...” (MARX; ENGELS apud. HALL, 1996: 14). O conflito moderno é o conflito de um sujeito centrado apenas em si, que se acredita dotado de razão contra um mundo em movimento constante, onde aquilo o que era ontem está em mudança hoje e amanhã pode não ser mais. É uma antinomia, pois, coloca-se em confronto uma ideia de um ego em total controle em um mundo sobre o qual podemos perceber que é marcado pela inconstância.

Todas as incertezas e fragmentações contribuem para que o projeto de modernidade nunca seja de fato superado, pois a racionalidade é favorecida como maneira de interpretação do mundo, porém é facilmente rechaçada pelas estruturas cambiantes da realidade que a subjugam de maneira atroz. E, nessa pulsante valorização do indivíduo como individual e não como parte de um coletivo, se perde a razão de ser da democracia, a de ser um poder que emana da coletividade.

Hall defende que as estruturas da modernidade estão em constante fragmentação e desestabilização, o que acaba por tornar o sujeito impermanente.

o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais [...] mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (HALL, 1996: 12)

A impermanência do sujeito pós-moderno é um fenômeno que afeta diretamente a concepção de ser pensante. Desestabilizando o sujeito, é removida sua capacidade cognitiva de estabelecer a realidade, e é removida sua identidade. Peirce, trazendo uma noção de mundo semioticamente construído, contraria o dualismo cartesiano, que, segundo Hall, “foi institucionalizado na divisão das ciências sociais entre a psicologia e as outras disciplinas. O estudo do indivíduo e de seus processos mentais tornou-se o objeto de estudo especial e privilegiado da psicologia” (HALL, 1996: 31), contribuiu para a centralização em um espaço, este espaço sendo a consciência, do estudo dos processos mentais e não os entende como relacionados aos aspectos externos da realidade que se apresenta. Isso deteriora a relação entre sujeito e os Outros, pois tudo o que é externo passa a não ser entendido como constituinte de si, quase em um delírio solipsista. Um sujeito semiótico, a fim de superar a modernidade, deve entender a si mesmo como em relação aos seus pares, ao seu mundo, não em isolamento.

Quando entendemos o ser humano em uma perspectiva semiótica, não é apenas de pensamento que estamos falando, mas toda a perspectiva se altera, de forma que Deely fala que esta seria uma concepção verdadeiramente pós-moderna, superando o projeto de modernidade. O ser humano deixa de ser o centro racional do universo e passa a ser entendido como

“inextricavelmente emaranhado ao universo físico” (DEELY, 2010.: 40), emaranhado como em uma teia de significações “a teia semiótica (como chamou Sebeok), que inter-relaciona a espécie humana com o universo maior em que e de onde a espécie humana evolui” (DEELY, 2010: 40)⁸. É nesse ambiente que pode voltar a ser discutida a relação da identidade com a democracia, pois o sujeito entendido dentro de uma identificação externa é também um sujeito dotado de poder para agir. Servindo não como um aspecto individualizante do sujeito, mas um aspecto de coletivização de sua luta, a identidade aparece como uma possibilidade para a democracia. A razão que se constrói é a razão que diz respeito à uma ação coletiva no qual todos ganham e não baseada no egoísmo de um sujeito.

A humanidade é considerada em relação ao cosmos, a uma mente que engloba fenômenos muito mais abrangentes do que a nossa comunicação linguística. O ser humano como animal semiótico não implica dizer que é o único participante do processo semiótico ou que este só existe com relação à ação e à experiência humana, mas implica em reconhecer que, em um universo em constante ação semiótica, o “animal semiótico precisa ser capaz de entender a diferença entre subjetividades relacionadas e as relações em si” (DEELY, 2010: 70).⁹ Ou seja, o ser humano se define por ser aquele capaz de perceber a própria agência nessa rede de significados que se constroem em todas as dimensões. É uma concepção que permite ao ser humano entender sua existência relacional e não isolada do mundo, o que contribui ao pensamento que gira em torno daquilo que é coletivo e não singular.

A definição pós-moderna de sujeito humano como animal semiótico não eleva a humanidade a um patamar de superioridade em relação ao universo e os outros animais, mas busca entender seu papel nesse emaranhado de significados. É um pensamento que contraria a percepção moderna de ser pensante, de que “nós podemos ser mestres de tudo, a maestria de palavras e signos sendo uma parte relativamente fácil disso (parecendo eles tão maleáveis), e a desilusão, cinismo e desespero que seguem o trem dessa megalomania” (RANSDELL, 1997, § 14)¹⁰. Na verdade, somos porque estamos no pensamento, que se desdobra em instâncias muito maiores do que nossa consciência.

POSSÍVEL CAMINHO PARA A DEMOCRACIA

O que este entendimento permite é a existência de uma subjetividade que se constrói não nos confins do indivíduo, em alguma dimensão interna, mas através de uma expressão que atinge o mundo externo e comunga com outros indivíduos, uma subjetividade que permite a existência em coletivo, o que torna possível a superação do projeto moderno individualizante. Segundo Canesin (2018, 64) “Peirce, de fato, rejeita a total individualização do sujeito, ou sua completa singularidade, porque, como signo, ele precisa estar aberto para potenciais relações, e nesse sentido, jamais poderia ser um completo individual”. Assim como em um regime democrático,

8 Tradução livre dos trechos “inextricably entangle with the physical universe” e “the semiotic web (a Sebeok called it) which interrelates the human species with the larger universe in and from the human species evolves”

9 Tradução livre do trecho “The semiotic animal (there is no other kind!) must needs [sic] be able to grasp by understanding the difference between related subjectivities and the relations themselves as realities over and above those perceived subjectivities related”

10 Tradução livre do trecho “we can be the masters of everything, the mastery of words and signs being a relatively easy part of that (they seem so malleable), and the consequent disillusionment, cynicism, and despair which follow in the train of this megalomania.”

nada é avaliado por seu efeito em um, mas em todos. Peirce negava o que chamou de “metafísica de perversidade”, afirmando que a individualidade é uma ilusão de vaidade e que enquanto pensamos que somos únicos, na verdade somos mais os nossos “vizinhos” do que podemos imaginar (CP 7.571, c. 1892). Com isto, Peirce funda uma concepção de sujeito que está apto a tomar parte em um processo muito maior do que ele mesmo, o de construir um mundo melhor, um mundo que tenda à razão, mesmo que, individualmente, seus ganhos não sejam nada perante a coletividade.

Por fim, definir conceitos como modernidade, pós-modernidade e seus respectivos *ismos* é como tentar entender um objeto iluminado em luz, contra luz, em diferentes direções por intensos holofotes. Cada local adotado como ponto de partida para esta observação vai revelar um aspecto diferente do objeto. Isso é da natureza da realidade e a modernidade, em contínua evolução, revolução e movimento, não escapa a esta constante. O que a noção da continuidade entre mente e matéria em Peirce permite é uma forma de apreender a realidade neste movimento contínuo entre interno e externo, uma maneira com a qual podemos encarar a inconstância da modernidade e, desta forma, apropriarmo-nos desta para construir uma superação, algo que pode ser tão inconstante quanto, mas no qual não existe ilusão de finitude ou de resolução. Assim, pegando a contribuição da fenomenologia de Husserl que Milovic (2007) cita, mas indo além e procurando entender esta fenomenologia inspirada pela semiótica de Peirce, é possível entender uma nova concepção de sujeito que participa do mundo e está em relação a este, não apartado nem subjugado pelas estruturas que se apresentam a ele em todo instante.

Colapietro (2014b) percebe que, no fluir da linguagem, estamos sempre utilizando de uma deliberação para que nossas ideias sejam entendidas. Quando escrevemos, estamos em um processo contínuo de passar nossas ideias para o papel, transformando pensamento em uma representação material. Nessa continuidade substancial, devemos polir a escrita, para que o pensamento faça sentido, de forma que nossa “consciência autoral nos impele a parar - hesitar, segurar (embora brevemente) nossa fluência linguística” (COLAPIETRO, 2014b: 489)¹¹, e o autor defende que assim é a semiose, pois hesitamos, mas hesitamos apenas na medida em que procuramos construir melhores mediações entre ideias.

A autonomia de um sujeito deve estar, então, intrinsecamente ligada à nossa agência deliberativa, de maneira que estejamos sempre nos revisando, sempre nos corrigindo para que, no curso da investigação que é a vida, possamos realizar a capacidade semiótica de controlar nossas pulsões. Assim um sujeito desenvolve sua teleológica personalidade. Para Colapietro (2014b), se não nos desenvolvermos em deliberação, buscando ideais que valham a pena nos vincularmos, “falhamos em ser adequadamente deliberativos e, nesse lugar, faltamos em nos tornarmos completamente autônomos como podemos ser” (COLAPIETRO, 2014b: 489)¹². O controle que podemos exercer sobre nós mesmos precisa ser um autocontrole deliberativo para que possamos triunfar em nossa autonomia. É essa autonomia, inspirada pela deliberação, que forma um sujeito que pode pensar a democracia, pois cada um é autônomo em respeito à relação que estabelece com os demais, com os outros e com seu próprio mundo.

11 Do trecho original: “Authorial conscience prompts us to stutter – to hesitate, to arrest (however briefly) our linguistic fluency”

12 Do trecho original: “then we fail to be adequately deliberative and, therein, fall short of becoming as fully autonomous as we ought to be.”

Uma nova concepção de sujeito permite pensar novas estratégias de comunicação e dinâmicas de convivência que permitiriam o estabelecimento de um regime verdadeiramente democrático onde as garras do fascismo, do neoliberalismo e do individualismo não pudessem instaurar suas chagas. Segundo Milovic (2007: 100): “hoje, o sistema isola, atomiza o indivíduo. Portanto, é importante pensar novas formas de comunicação. Porém, o sistema também nega o indivíduo”¹³. É realmente este o movimento que a modernidade proporciona ao remover do sujeito toda a sua capacidade de transformar o mundo que se abunda ao seu redor. Uma exacerbação do indivíduo serve apenas à própria diminuição desse indivíduo que se vê desprovido da força coletiva que teria a partir da compreensão de que um sujeito não é um indivíduo, mas uma teia de relações, uma formação complexa que envolve, em coletivo, várias individualidades.

Sendo assim, o caminho natural para uma superação democrática do projeto moderno é a adoção de uma nova concepção de sujeito, que permita pensar mais a dimensão não do particular, mas da coletividade, das comunidades, da cooperação. Pois esta sim potencializa o indivíduo, potencializa ele como parte de algo que é muito maior, que possui uma capacidade imensurável de transformação. Um sujeito entendido como o sujeito semiótico, que permite a navegação, adaptação e rearranjo para superar os obstáculos que a modernidade vai impor é uma concepção desse tipo, que torna obsoleta a noção de ser pensante quando se tem a noção de um ser relacionado ao mundo que já é um mundo de pensamento. Nós, como sujeitos semióticos, existimos longe de qualquer esterilidade, sempre nos renovando, mudando, formando o que Peirce chamou de signo perfeito, que “é perpetuamente passivo da ação de seu objeto, do qual está perpetuamente recebendo acréscimos de novos signos... Além disso, o signo perfeito nunca deixa de passar por mudanças [de um tipo espontâneo]” (MS 283, 116-117 apud COLAPIETRO, 2014a: 103).

Só a compreensão do pensamento como algo que se constrói em tudo e em todos nós pode tornar legítima uma forma de governo que se pauta pelo pensamento conjunto. Os sujeitos semióticos, além de ação deliberativa, permitem a cooperação, pois estão abertos às transformações necessárias para constituir um diálogo que escapa ao caráter moderno do monólogo do sujeito pensante, justamente por ser um sujeito relacional, que existe a partir dos que o rodeiam. Enquanto o sujeito continuar sendo enxergado como puramente um indivíduo, isolado do mundo e com ações que dizem respeito apenas a si mesmo, a democracia continuará sob ameaças de ser subjugada por entidades que removem seu poder da instauração de um pensamento que valoriza o individualismo acima de tudo.

Para Stuart Hall, o sujeito pós-moderno, em um processo de movimento da modernidade intensificado, está em constante envolvimento global, em processos de identificação que se ressignificam a cada instante. É efêmero, impermanente. O animal semiótico é uma definição de humano que ultrapassa os limites do dualismo entre mente e matéria e, por isso, segundo Deely, uma definição pós-moderna. Por ser capaz de colocar-se e agir nos processos que envolvem a modernidade, num fluir de ideias e ações que denotam a efemeridade de cada instante. Essa compreensão de si dentro de um universo emaranhado de signos e significados permite a reinterpretção de sua relação com outros sujeitos, com a natureza, com outros animais e com o

13 Tradução livre do trecho: “Today, the system isolates, atomizes individual. Therefore, it is important to think new forms of communication. But the system also negates the individual.”